RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Futurólogos entre a ciência e a fantasia

Estudo comparativo dos livros: *Toward the year 2000*, de Daniel Bell; *Future shock*, de Alvin Toffler; e *The greening of America*, de Charles Reich.

1. Considerações gerais

1.1 *Profecia, ciência e ficção*

O futuro é, provavelmente, o tempo sobre o qual mais ansiosamente buscamos informações. O presente é apenas um corte no contínuo da eternidade, uma grande porta pela qual passa a fileira dos segundos, minutos, dias e anos, e onde as grandes expectativas transformam-se em história e as grandes esperanças, em saudade. Sem perspectiva para analisar o presente, o homem só pode contemplar, de um lado, o passado — relativamente claro, porém inalterável — e, de outro, o futuro — em quase total escuridão, mas talvez ainda passível de adaptação a nossos desejos.

Digo *talvez*, porque tanto a religião quanto a ciência oscilam entre os pólos do determinismo e do livre arbítrio. A primeira tenta conciliar as palavras sagradas dos profetas e a onipotência divina com a liberdade do ser humano, cujo uso bom ou mau trar-lhe-á recompensa ou castigo. A segunda estuda as predeterminações da geografia (Ratzel), da evolução biológica (Darwin), da luta de classes (Marx), da primeira infância de cada um (Freud), dos reflexos condicionados (Pavlov) ou mesmo da tecnologia da comunicação (Innis e McLuhan), mas raramente nega a

possibilidade humana de reagir e alterar a marcha da história. O cientista analisa o passado e prediz o futuro em termos probabilísticos. O profeta, vidente, quiromante ou como quer que seja chamado, olha diretamente para a imagem vaga do futuro (seja em uma bola de cristal, nas linhas das mãos, nas estrelas, nas cartas, na palavra de Deus ouvida na montanha ou em sonhos, ou em qualquer outro lugar) e a transmite em termos igualmente vagos. O profeta olha diretamente para o futuro, enquanto o cientista descobre-o no espelho das águas cambiantes do passado, constantemente acrescidas da contribuição do presente. Tanto um quanto outro buscam no futuro uma orientação para as opções atuais.

Uma terceira posição é a do autor de ficção científica, cuja preocupação não é a descoberta da verdade, mas a apresentação do plausível em forma interessante, e cuja finalidade primordial não é orientar nossas decisões, mas proporcionar horas agradáveis de lazer. Quanto mais semelhantes às nossas, as reações dos protagonistas, quanto mais corretas as afirmações sobre o que a ciência pode produzir, e quanto mais inesperado o desenrolar dos acontecimentos, tanto mais fácil será conseguir nossa empatia e *suspense*, e tanto melhor terá o autor atingido seus objetivos.

Se os escritos de Nostradamus e Júlio Verne são fáceis de classificar, nossa tarefa é bem mais difícil em relação a boa parte da literatura atual. A futurologia apareceu pleiteando reconhecimento como nova ciência, mas a maioria dos futurólogos ziguezagueia entre a ciência e a fantasia, com incursões eventuais no terreno da profecia.

1.2 *Tendências, projeções, alternativas e surpresas*

A apresentação do futuro pelos cientistas modernos é freqüentemente quantitativa. Baseia-se na identificação e análise de certos índices, cuja variação no tempo é interpretada como tendência e projetada sobre o futuro. Carência de dados, deficiência nos instrumentos de medida, exigüidade do tempo de observação e dificuldade de análise de todas as possíveis interações são alguns dos múltiplos obstáculos encontrados. E os futurólogos confessam desprezar alguns acontecimentos improváveis, porém possíveis, cuja ocorrência alteraria consideravelmente as tendências utilizadas em suas projeções, tais como guerras, cataclismos, descobertas casuais importantes e alterações políticas significativas. Seus prognósticos denominaram-se "livres de surpresas", e mesmo assim apresentam-se como uma faixa de alternativas entre os extremos do otimismo e do pessimismo.

Em geral, quanto mais concretos os dados considerados, tanto menor sua relação com os principais problemas de nossa sociedade. É bem mais fácil, por exemplo, predizer o número de automóveis e habitantes de uma determinada cidade do que a solução dos problemas relativos ao transporte, em virtude da grande dificuldade que há em vislumbrar alterações nos sistemas políticos ou na natureza humana, que, por sua vez, envolvem opções entre transporte individual e coletivo, problemas de congestionamento e poluição do ar, ou simplesmente a freqüência com que "caronas"

são concedidas. A economia e a tecnologia são, por isso mesmo, os principais elementos desses prognósticos e a satisfação social fica quase sempre no terreno de mera conjectura.

Quase um século depois que o primeiro e mais célebre "futurólogo" norte-americano, Edward Bellamy (ou terá sido ele um utopista?), escreveu sua obra-prima *Looking backward*, traduzida para o português como *Daqui a cem anos*, em vez da loja central para escolha entre todos os produtos existentes na cidade, o que encontramos é a agressividade crescente da publicidade comercial; e a cidade "ultramoderna" de Brasília ainda não protege seus habitantes contra a chuva, com as longas marquises previstas por esse autor. O que ocorre é que possibilidade tecnológica é uma coisa e boa vontade dos poderosos para com seus semelhantes é outra bem diferente.

Os três livros que pretendemos analisar podem ser considerados como *ousados*. Kahn e Wiener (no livro de Bell) enumeram uma centena de novas invenções a serem postas em prática antes do fim do século — da escolha do sexo dos nascituros ao sonho programado, da hibernação humana durante algumas horas, ou mesmo dias, à utilização de satélites artificiais para iluminação noturna de vastas regiões (p. 79). Toffler acha "preferível errar por ousadia a errar por precaução", num momento em que "nosso futuro está sendo forjado" "em laboratórios e fábricas" (p. 167). E Reich prevê, numa conclusão arrojada, a vitória da juventude americana, sem violência, sem inimigos, com o esvaziamento total do lado contrário (p. 394). Os três livros são bastantes ousados; em todos três prevêem-se grandes alterações, apesar de nenhum dos autores tomar em consideração certas surpresas já consideradas possíveis, como o contato com alguma civilização galáctica mais desenvolvida que a nossa, vivendo em algum dos "bilhões de mundos" "povoados com suas variedades próprias de organismos vivos", mencionados no livro russo-americano de Shklovskii e Sagan, *Vida inteligente no universo*.

Os autores de nossos três livros tomam suas precauções: utilizam sempre terminologia científica (embora os estilos de Reich e Toffler sejam agradáveis, permitindo-lhes grande vendagem) e evitam conjeturas desnecessárias para suas conclusões arrojadas. É difícil, porém, dizer com precisão até onde vai sua ciência e onde começa sua fantasia.

2. Três livros recentes

2.1 Bell, Daniel et alii. *Toward the year 2000: work in progress*. Boston, Beacon, 1967. 400 p.

Este livro é um relatório preliminar sobre o trabalho da Comissão sobre o Ano 2000, iniciado em 1965 e ainda não concluído. Inclui 23 documentos básicos apresentados por 42 especialistas do gabarito de Herman Kahn,

Margareth Mead, George Miller, Ithiel De Sola Pool e outros. O presidente da Comissão, que é também o compilador do livro, indica os pontos de convergência dos vários colaboradores, todos de acordo com a apresentação de diversos futuros hipotéticos, "não apenas porque uma única projeção pode estar errada, mas porque a preocupação com uma imagem única do futuro pode afastar alguns caminhos alternativos, que talvez sejam socialmente desejáveis". Não houve sucesso na tentativa de homogenização do relatório. Falta concatenação entre as diversas especialidades; o próprio Bell reconhece que "um grande esforço é necessário para conseguir coerência no trabalho conjunto de tantas mentes brilhantes movendo-se em sentidos diversos".

Estamos informados do ocorrido em reuniões posteriores da Comissão. Até agora, poucas conclusões conjuntas foram obtidas e o livro permanece atual no que tem de melhor: a colaboração individual de alguns participantes e sua visão panorâmica do assunto, que o tornam boa leitura introdutória a outras obras dos mesmos autores. Os títulos dos problemas específicos aí tratados dão uma idéia da complexidade e do interesse do livro: Os próximos 33 anos — um quadro para especulação (Kahn e Weiner); Podem predições ser avaliadas? (Iklé); Predições em geral e predições tecnológicas (Schon); Informação, racionalidade e livre escolha numa futura sociedade democrática (Shubik); Planejamento e predição, ou o que fazer quando não se sabem os nomes das variáveis (Duhl); Modernização do desenvolvimento urbano (Perloff); Relações entre autoridades federais e locais (Moynihan); Necessidade de uma nova teoria política (Frank); Cidade universitária no ano 2000 (Graubar); Instituições educacionais e científicas (Orlans); O homem biológico do ano 2000 (Mayr); Esforços deliberados para controlar o comportamento humano e modificar a personalidade (Quarton); Religião, misticismo e igreja institucional (Stendhal); Memorando relativo à juventude (Erikson); O ciclo vital e suas variações: divisão de papéis (Mead); Problemas da vida privada no ano 2000 (Kalven Jr.); Algumas perspectivas psicológicas do ano 2000 (Miller); Notas sobre a meritocracia (Riesman); A violência (Wilson); A comunicação (Pierce); Considerações sobre o futuro da sociedade internacional (Rostow); Desenvolvimento político e declínio do sistema americano de ordem mundial (Huntington); e O sistema internacional no próximo meio século (De Sola Pool).

Podemos classificar as contribuições citadas em duas categorias: adjetivas e substantivas. No primeiro caso estão autores como Iklé, Schon e Duhl, que discutem a viabilidade, os requisitos e os objetivos de prognósticos válidos para mais além de nosso futuro imediato. No segundo caso, estão os autores que apresentam bosquejos do futuro, contemplado do ângulo de suas preocupações específicas. Em ambos os casos o livro é desigual, mas contém excelentes informações para aquele que, em órgãos de planejamento, deseja contribuir para um futuro melhor.

2.2 Alvin, Toffler. *Future Shock*. New York, Random House, 1970. 507 p. Sendo traduzido com o título: Choque do futuro.

Embora escrito por um só autor, este livro também é mais útil no detalhe do que na visão de conjunto. Sua idéia básica é a de que as transformações por que o mundo está passando são cada vez mais rápidas. Os componentes básicos de todas as situações humanas — coisas, lugares, pessoas, organizações e idéias — tornam-se, para cada um de nós, cada vez mais transitórios. "Relações que costumavam durar longamente têm hoje uma expectativa de vida muito mais curta. É desta abreviação, desta compressão, que se origina a sensação quase tangível de estarmos vivendo, sem raízes ou orientação, sobre dunas em movimento" (p. 43).

Depois de analisar a transitoriedade humana crescente, em seus cinco aspectos, bem como os efeitos crescentes da tecnologia sobre a sociedade, o autor conclui que essas transformações ultrapassam os limites de adaptabilidade do ser humano, causando o *choque do futuro*. "Quando alteramos nosso estilo de vida, quando fazemos e desfazemos nosso relacionamento com coisas, lugares e pessoas, quando nos movemos sem descanso através da geografia organizacional da sociedade e quando recebemos novas informações, estamos nos adaptando, estamos vivendo. Cada resposta orientadora, cada reação adaptativa tem o seu preço: o desgaste sofrido pelo mecanismo daquele que se adapta a cada minuto, lenta e imperceptivelmente, até a deterioração final dos tecidos utilizados. Dessa forma, o homem continua a ser o que sempre foi: um biosistema com limitada capacidade de mudança. Quando o impacto recebido é superior à capacidade de adaptação, sua conseqüência é o choque do futuro" (p. 304).

Considero a análise de Toffler errada. Ele atribui o choque do futuro à quantidade e intensidade das transformações, quando seria melhor atribuí-lo — repetindo suas próprias palavras — à "sensação quase tangível de estarmos vivendo, sem raízes ou orientação, sobre dunas em movimento". Em última análise, o choque deve ser atribuído ao *medo* de ser engulido pelas areias, à *agonia* de não saber em que sentido as transformações se processam, e não às transformações em si. A crescente mobilidade humana, que leva um norte-americano do Hotel Hilton de Nova Iorque ao Hotel Hilton do Rio de Janeiro e daí ao Hotel Hilton de Nairóbi apresenta muito menos transformações que as encontradas por nossos antepassados quando decidiam examinar o que havia "do outro lado da montanha". Poucos homens civilizados conseguirão experimentar mudança tão intensa quanto a daqueles xavantes que, logo após seu primeiro contato com a civilização, foram trazidos para um Maracanã superlotado, onde desfilaram com as camisas do Flamengo. E que dizer dos fenícios, que alcançaram as costas da Grã-Bretanha? Ou de Marco Polo, na China distante e misteriosa (para seus contemporâneos europeus)? Muito poucos, como Gagarin e Armstrong, viverão tantas transformações quanto nossos antepassados navegadores e bandeirantes.

A ansiedade que leva ao choque não é a das alterações introduzidas pelo progresso para o bem da humanidade. O medo das possibilidades bélicas da moderna tecnologia produz, indubitavelmente, um choque bem maior que o de quaisquer outras invenções descritas por Toffler. O *choque do presente* é certamente causado pelas visões dantescas dos campos de concentração e bombas atômicas ainda não varridas de nossa memória e já acrescidas das descrições não menos aterrorizadoras dos efeitos do *napalm* e de outros instrumentos de destruição em massa do homem e do ambiente. Mesmo assim, é difícil julgar se ele é melhor ou pior que o *choque do passado*, sofrido pelos vizinhos de Átila ou Sardanápalo. Diante dessas comparações, o *choque do futuro* requer índices e argumentos mais convincentes para que nos possa amedrontar.

Entre os dados concretos apresentados, Toffler teve a má sorte de errar nas duas únicas vezes que mencionou o Brasil, talvez os dois únicos erros de fato em seus dados. Primeiro, quanto às dimensões de nosso país, tendo ele afirmado que um lago do tamanho da Alemanha (proposto pelo Instituto Hudson) inundaria todo o interior do Brasil ("the *entire* interior of Brazil", p. 393); segundo, quanto às características de nosso território, indicando ele que a cidade de Belo Horizonte está situada nas remotas florestas do Brasil ("in the remote jungles of Brazil", p. 407). Esses deslizes, entretanto, não desmerecem a riqueza factual em que se apóia o autor na descrição das inovações trazidas ou prometidas pela tecnologia.

Para combater o choque do futuro Toffler recomenda que se domestique a tecnologia. "O choque do futuro – a doença das transformações – pode ser evitada. Mas exigirá drásticas medidas sociais, e mesmo políticas" (p. 379). E entre as medidas sugeridas figura uma seção de reclamações que, sempre que necessário, moveria ação judicial contra todos os atos de irresponsabilidade tecnológica. Sugere, também, que tanto o Governo Federal quanto as grandes empresas estabeleçam um mecanismo destinado à avaliação das conseqüências da tecnologia. Esse é, de fato, um ponto crucial, para o qual outros autores como Cohen (*Toward a social Report*. US. D.H.E.W., 1969) e Bauer (*Social indicators*. M.I.T., 1966) dão contribuição bem maior, mas também sem apresentar solução prática palpável nos aspectos básicos do aprimoramento estatístico e da ordenação de prioridades.

2.3 Reich, Charles. *The greening of America*. New York, Random House, 1970. 401 p. Traduzido para o português com o título: *O renascer da América*. São Paulo, Record.

Como Toffler, Reich também parte de dados adequados para deles se afastar, velozmente, nas asas da fantasia. A América atual é interpretada à luz de três categorias de consciência, numeradas I, II e III e surgidas em três momentos históricos diversos: a primeira, a do pioneiro; a segunda, a do New Deal e do burocrata atual; e a terceira, a da juventude,

que causará o renascimento do país, fazendo-o reconquistar a dignidade humana hoje perdida.

R.W.B. Lewis forneceu-lhe o modelo do "Adão americano", em sua admirável inocência. O heroi de Lewis "não se caracterizava pelo mundanismo, esperteza, erudição ou intelecto. Seu triunfo deveu-se às virtudes ordinárias da simplicidade, caráter, honestidade e trabalho árduo. O inocente era o pioneiro, o fundador de cidades, o conquistador do Oeste, o menino grande e bom. Era um ser moral e, em última análise, foi sua bondade, e não sua sabedoria, que lhe deu o triunfo" (p. 24). O que conhecemos da Revolução Industrial, da urbanização e de outras transformações sociais do século XIX é suficiente para compreendermos as deficiências da consciência I, representada pelo inocente dos primeiros tempos. "Quando ele encontra o companheiro mais sabido, arrisca-se ao desastre" (p. 24). "Vota pelo candidato que possui maiores virtudes morais e que promete um retorno às primitivas condições de vida, ao primado da lei e da ordem, à retidão de caráter e à redução dos impostos" (p. 25). "A consciência I, além disso, não percebeu que a produção privada não estava correspondendo a seu custo para a sociedade. Enquanto, por exemplo, o industrial joga os restos inaproveitados em um córrego, nada paga pela poluição causada, e força a comunidade a compartilhar dos custos, mas não dos lucros" (p. 38). "É típico da consciência I atribuir os defeitos do industrialismo não à sua estrutura, mas a problemas morais" (p. 39).

A consciência II é, de certo modo, identificada com algumas das forças que conduziram a América ao New Deal. "A maioria das batalhas políticas da América ainda põem em confronto as consciências I e II. A consciência II acredita que a presente crise norte-americana pode ser resolvida com maior contribuição individual para o interesse público, maior responsabilidade social das empresas e, acima de tudo, ação governamental mais positiva — regulamentação, planejamento, proteção social e administração melhor e mais racional" (p. 66).

O problema real do livro começa com a consciência III, que descobre que "a maior parte do trabalho disponível na sociedade é sem sentido, degradante e inconsistente com a realização individual" (p. 242), e propõe soluções para a "redescoberta do eu", entre as quais (altamente louvadas em todo o livro) a música moderna e as drogas. Depois de diagnosticar os males atuais do país, o autor apresenta sua solução miraculosa: "nenhuma revolução política é possível nos Estados Unidos de hoje, mas essa revolução não é necessária" (p. 305). A conscientização tem possibilidade de "modificar e destruir o Estado burocrático, sem violência, sem conquista do poder político e sem derrubada de qualquer grupo existente" (p. 304). A consciência III é tão boa, que chega a ser contagiosa. "O novo estilo de vida já não está restrito a pequenos grupos de universitários. Pode ser encontrada em qualquer região do país. Está mesmo invadindo as áreas rurais. E, aonde quer que vá, jornais clandestinos, escolas livres, músicas de *rock*, confrontos com as forças da

lei e rejeição da máquina vão também" (p. 393-4). Nenhuma luta será desencadeada, porque "não há nada do outro lado. Não há inimigos. Não há ninguém que não fique em melhor situação, ninguém que não deseje, no fundo do seu ser, aquilo que a consciência III deseja" (p. 394). E o conto de fadas finaliza com a antevisão de "um verdadeiro rejuvenescimento da América" (p. 395).

Reich peca em suas inferências, quando observa aspectos exteriores do comportamento e atribui-lhes, sem maiores considerações, uma causa comum. Tomemos, por exemplo, um de seus vários "índices" — o vestuário: "As novas roupas escapam a *status*, hierarquia, autoridade e posição, e rejeitam concorrência..., as novas roupas *expressam a comunhão em múltiplas atitudes e valores* [em que pesquisa baseia-se ele?]. Expressam a nova unidade da juventude e a realidade da nova consciência" (p. 238-9). Dessa forma, partindo de algumas conclusões iniciais plausíveis, Reich tenta um grande salto. Busca unificar o que é heterogêneo e vê causa única naquilo que tem diversas. Se ele se detivesse a examinar o que vai pelo mundo e fizesse a separação entre as diversas influências exógenas que os Estados Unidos vêm sofrendo, não tentaria considerar como fato único o que tem origens ora na independência coletiva de países africanos, ora na revolução cubana, ora na importação de idéias européias e do misticismo asiático. Perceberia que o saber popular tem razão ao dizer que o hábito não faz o monge e notaria que o "uniforme da juventude moderna" (vestuário, cabelo, música, drogas, etc.) não encobre a profunda heterogeneidade daqueles que o usam. Os verdadeiros amantes da paz precisam ser separados daqueles que apenas têm medo de morrer nos campos de batalha e dos que acham que a guerra do Vietname lhes está doendo no bolso. Os que desejam sinceramente modificar a América precisam ser separados dos que apenas querem fugir à coação paterna (ou à sua própria consciência) e mergulhar numa vida ainda mais egoística que a anterior; os que usam drogas (ou outras formas de comportamento) para afirmar sua independência, precisam ser separados dos que apenas querem fugir à realidade e nunca serão capazes de, sem auxílio, modificar o que quer que seja (nem a si próprios). Há, de fato, um reverdecimento na América, mas está misturado com folhas natimortas. Há heróis na juventude americana, mas suas filas estão engrossadas por covardes, com medo da própria sombra. E é difícil conceber que uma terra em que os ódios estão-se exacerbando continuamente possa passar pelas transformações antevistas por Reich, sem derramamento de sangue.

3. Os três livros

Embora contenham erros e fantasia, os três livros merecem ser lidos. Reich e Toffler distraem. E todos apresentam fatos e observações que, no seu detalhe, podem ser extremamente valiosos. A magia do milênio

aparece nos três livros, que prognosticam grandes transformações num período que já se reduziu a apenas 28 anos.

O sucesso de livraria obtido por Reich e Toffler deveu-se, provavelmente, também ao fato de tecerem, em forma diversa, elogios ao público a que se destinavam. O *suspense*, seguido pelo final feliz, é encontrado em ambos. Uma visão tipicamente americana da realidade leva Toffler a propor a auto-regulação das empresas em benefício da sociedade, e Reich, a transformar o atual estado de coisas pelo simples contágio de uma juventude poderosa.

Faltam nos três livros observações sobre outras tendências do mundo atual, que influenciam os Estados Unidos, sem que eles sejam os beneficiados: declínio relativo da raça branca, diante do fortalecimento de elementos não brancos nas grandes potências e do surgimento de potências não brancas, como China e Japão; aproximação crescente russo-americana, substituída por uma oposição crescente entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido; unificação da Europa e tendência à balcanização dos Estados Unidos; e muitas outras.

Não vale a pena determo-nos aqui, tentando preencher as lacunas ainda existentes na futurologia. O terreno é fertil e sua base científica ainda bastante instável. E, certamente, muitos outros livros futurológicos, oscilando entre a ciência e a fantasia, ainda estão por aparecer, pelo menos enquanto a porta de entrada do terceiro milênio continuar sendo uma grande interrogação diante de nós.

SYLLA M. CHAVES

REEMBOLSO POSTAL

OBSERVAÇAO IMPORTANTE:

A fim de simplificar e tornar mais rápido o envio de pedidos de publicações da Fundação Getulio Vargas, sugerimos o uso do reembolso postal, que beneficiará principalmente às pessoas residentes em locais afastados dos grandes centros. Assim, na ausência, em sua cidade, de representantes credenciados ou livrarias especializadas, dirija-se diretamente pelo reembolso ao

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES

PRAIA DE BOTAFOGO, 188 — CAIXA POSTAL, 21.120, ZC-05,

RIO DE JANEIRO — GB.

METODOLOGIAS DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL PARA PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

J. D. Chesswas

A obra destina-se a examinar a estrutura de um planejamento educacional, não apenas ampliando seu atual sistema mas, ao mesmo tempo, modificando-o e adaptando-o, de várias maneiras, ao mundo que se movimenta à sua volta.

Esse livro não foi feito para teóricos, e sim para praticantes, atuais e futuros, do planejamento educacional, e quem se dispuser a diagnosticar as condições desse sistema educacional deverá saber utilizar o instrumento exato para apurar suas dimensões quantitativas e dinâmicas.

O autor foi durante vários anos um desses praticantes em um país africano em desenvolvimento, até que se filiou ao Instituto Internacional de Planejamento Educacional, colocando à disposição de outros seu imenso cabedal de experiência e, de acordo com suas palavras, "aprofundando e alargando seu conceito de planejamento educacional".

O leitor poderá basear-se na experiência prática de J. D. Chesswas para ter uma idéia exata deste campo novo e em rápido desenvolvimento que é o planejamento educacional moderno, onde os manuais práticos para operadores são mais escassos que os dados essenciais ao próprio planejamento.

Próximo lançamento da Editora da Fundação Getulio Vargas.

É POSSÍVEL MEDIR AS APTIDÕES?

Ethel Bauzer Medeiros

"Pretende este livro apontar as vantagens da medida das aptidões, particularmente no campo da educação. Para alcançar propósito tão restrito, de divulgação de noções básicas de Psicometria, usa linguagem simples, reduzindo ao mínimo indispensável os termos técnicos. Daí apresentar a aptidão sob forma prática e, calculadamente, evitar definições e discussões teóricas. A medida, por sua vez, é tratada como preocupação antiga do homem, que apenas a vem desdobrando a novos setores e diversificando, mas, sobretudo, submetendo ao rigor da ciência.

Tendo em mira prevenir o emprego inadequado dos testes de aptidão, pelo desconhecimento dos conceitos básicos e das técnicas experimentais em que se firmam, as etapas da sua colaboração são comentadas uma a uma. Merece, porém, especial atenção aquela que mostra como se interpretam os seus resultados, bem como o uso que deles se pode fazer."

(Ethel Bauzer Medeiros)

Próximo lançamento da Editora da Fundação Getulio Vargas.

É vasto o programa editorial da UNESCO. No Brasil, esse valioso acervo de obras, versando sobre aspectos variados das atividades culturais, educacionais e científicas do homem, encontra-se à sua disposição na Fundação Getulio Vargas, através de sua Editora, de suas livrarias ou de seus revendedores autorizados em todo o País.

Qualquer que seja o seu campo de atividade, solicite o catálogo de obras da UNESCO a qualquer uma das suas livrarias ou a um dos seus agentes de vendas autorizados.

LIVRARIAS:

Praia de Botafogo, 188
Caixa Postal, 21.120
Rio de Janeiro, GB

Avenida Graça Aranha, 26
Lojas C e H
Rio de Janeiro, GB

Super Quadra 104 — Bloco A
Loja 11
Brasília, DF

Avenida Nove de Julho, 2 029
Caixa Postal, 5 534
São Paulo, SP

AGENTES AUTORIZADOS:

Dilertec
Distribuidora de Livros e Revistas Ltda.
Rua Coelho Rodrigues, 1 244
Teresina — PI

Ceará — Ciência e Cultura
Rua Edgard Borges, 89
Fortaleza, CE

Organização Sulina de Representações
Av. Borges de Medeiros, 1 030
Pôrto Alegre, RS

Catavento — Distribuidora de Livros Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 928
Tel.: 236-5642
São Paulo, SP

Fornecedora de Publicações Técnicas
M. M. de Oliveira Marques
Av. Ipiranga, 200 — Loja 40
São Paulo, SP

Livraria Martins
Av. Campos Sales, 171
Belém, PA

Lunardelli Representações
Livraria Universitária
Rua Vítor Meireles, 23-A
Florianópolis, SC

Centro do Livro Brasileiro
Rua Rodrigues Sampaio, 30-B
Lisboa, Portugal

Agência Van Damme
Rua Goitacazes, 103, s/ 1310
Belo Horizonte, MG

Livraria Ghignone
Rua Quinze de Novembro, 423
Curitiba, PR

Livraria Civilização Brasileira S.A.
Rua Padre Vieira, 9
Salvador BA

M. Inojosa
Av. Dantas Barreto, 564
Sala 901
Recife, PE

Livraria J.C.
Rua Nina Rodrigues, 33-B
São Luiz, MA